

PERSONALIDADE E CARISMA

A transformação da pessoa pela graça divina

RIFORMA CAPPUCCINA
500
1528-2023

Foi, pois, a mão do Senhor a que se pousou sobre ele e a destra do Altíssimo a que lhe transformou (1Cel 2)

Na capa:
Paolo Orlando, *Árvore seráfica capuchinha (2023)*, óleo sobre madeira. Roma, Capela da Cúria Geral OFMCap, nave.

Roma, 29 de setembro de 2026
Festa dos Santos Arcanjos

Prot. N. 00607/26

A todos os irmãos

Personalidade e carisma

Caros irmãos,

O caminho de preparação para a celebração do V Centenário da Reforma Capuchinha nos ofereceu a oportunidade de voltar às origens da nossa vocação evangélica e de recordar os traços fundamentais da nossa *"forma de vida"*, estimulando-nos, ao mesmo tempo, a reavivar a chama da nossa identidade carismática. Embora seja importante analisar os documentos normativos da nossa família religiosa, buscando atualizar os seus conteúdos em relação ao momento histórico que vivemos, é de fundamental importância que cada um examine, diante de Deus, a própria vida e o modo como responde ao dom sagrado da sua vocação.

O Altíssimo e Sumo Bem, de fato, colocou em nossas mãos o dom do *carisma franciscano-capuchinho*, e nos confiou o seu cuidado, convidando-nos a dar frutos abundantes: isto é, a modelar a nossa vida seguindo as pegadas de Nosso Senhor Jesus Cristo (cf. Rb 1,1), a exemplo de São Francisco de Assis e de todos os santos capuchinhos. Para tornar possível tal transformação existencial, é necessário aprofundar o conhecimento de nós mesmos e aprender a subjugar – como o Santo exorta em suas Admoestações – o inimigo: ou seja, a nós mesmos, com os nossos vícios e pecados (cf. Adm 10,2).

O subsídio que aqui apresentamos, ***Personalidade e carisma***, nasce de uma reflexão que emergiu durante as assembleias do Conselho Geral. De fato, por trás de cada conflito ou escândalo que envolve a nossa família religiosa, estão confrades, cada qual com a sua própria personalidade. As reflexões a seguir pretendem recordar que cada carisma – e o nosso em particular, entendido como ação de Deus na vida de uma pessoa – traz em si a força necessária para transformar a vida do próprio indivíduo, como testemunha Francisco em seu Testamento (cf. Test 1-2). Para que isso seja possível, não há dúvida de que são necessárias a total disposição da pessoa e uma relação profunda e vital com o Altíssimo.

Convidamos os irmãos a meditar em silêncio sobre estas considerações, a ponderá-las pessoalmente e/ou em fraternidade, deixando-se interpelar pelo Espírito do Senhor, que sempre nos impulsiona à mudança da nossa vida. Na medida em que cada um de nós zelar pelo carisma recebido e se deixar transformar pelo Senhor, do mesmo modo a chama do nosso carisma se reacenderá em toda a Ordem.

Confiamos vocês a Deus em nossas orações e pedimos ao Senhor Deus que nos prepare para uma transformação sincera e constante da nossa existência.



Fr. Roberto Genuin
Ministro Geral OFMCap.

A transformação da pessoa pela graça divina

Introdução

1. Uma das principais tarefas do Ministro geral, autêntico sucessor do nosso santo Fundador,[a] ajudado pelo Conselho geral,[b] consiste em promover a fidelidade criativa ao carisma[c] e propôr maneiras concretas para encarnar com simplicidade nossa forma de vida evangélica e revitalizar nosso testemunho apostólico nas diversas regiões e culturas onde estamos presentes.[d] A fidelidade criativa ao carisma implica *recordar* a todos os irmãos quem somos e como fomos chamados a viver neste mundo e, ao mesmo tempo, *advertir* com clareza sobre aquelas situações internas e externas à Ordem que ameaçam em debilitar, distorcer ou banalizar nossa identidade carismática.

[a. Const.12,1; b. 125,7; c. cf. 6,1; d. cf. 6,3]

2. O subsídio enviado pelo Conselho Geral sobre *Nossa Identidade Carismática* teve como objetivo justamente relembrar a todos os irmãos da Ordem as características fundamentais do nosso modo de vida e como estas podem ser atualizadas, tanto pessoal quanto fraternalmente, levando em consideração os diferentes contextos culturais em que estamos inseridos. Esperamos que os irmãos tenham recebido este material com entusiasmo e que a reflexão sobre ele tenha despertado o desejo de reacender a chama do nosso carisma e a aspiração de viver autenticamente a nossa vocação como Frades Menores Capuchinhos.

3. Uma das ameaças que nos fragiliza internamente, identificada em muitas circunscrições, consiste na perda de interesse pela leitura de artigos, livros ou documentos relacionados com o nosso modo de vida e na pouca reflexão crítica que surge entre os irmãos. Talvez alguns irmãos nem tenham lido o material sobre *Nossa identidade carismática* publicado em agosto passado de 2025. Apesar do exposto, sabemos que muitos irmãos leem regularmente de forma crítica e recebem com expectativa os subsídios que a Cúria Geral, e outras instâncias da Ordem, propõem para o estudo e reflexão sobre o nosso modo de vida.

4. Embora a perda progressiva de entusiasmo pela leitura crítica possa constituir uma verdadeira fraqueza dentro da Ordem, talvez devido à influência da cultura da imagem, da informação instantânea ou da predominância de conteúdo superficial, existem outras ameaças que, como uma gota de água que atinge constantemente uma rocha, estão minando furtivamente o vigor do nosso modo de vida e prejudicando a beleza da nossa identidade carismática. Nesta ocasião, gostaríamos de destacar uma dessas fraquezas que mina internamente a nossa vocação capuchinha e oferecer algumas considerações para nos ajudar a permanecer atentos e vigilantes, para que a sutileza dessa ameaça não passe despercebida por muitos irmãos e continue a distorcer o nosso modo de vida.

[Cf. Mc 13,35-36]

5. A sutileza dessa ameaça pode ser explicada pela convergência de diversos fatores: a presunção de saber claramente do que ela consiste, a tomada de sua permanência e imutabilidade como certas, a dificuldade em compreender seu dinamismo e capacidade intrínseca de transformação, a ideia de que ela pertence a uma área do saber diferente da teologia ou do discurso religioso e, por fim, sua ausência nas conversas cotidianas dos irmãos. Todos esses fatores, entre outros, tornam essa ameaça invisível e lhe conferem uma perturbadora capacidade de influência que muitas vezes opera nas sombras, gerando um impacto considerável que tende a afetar nosso modo de vida e, portanto, nossa fidelidade à nossa identidade carismática.

6. Esta ameaça silenciosa é a *personalidade*. Muitos podem se surpreender ao considerar a personalidade como uma ameaça ao nosso modo de vida, uma surpresa que pode ser explicada por nossas suposições sobre o assunto e pelos diferentes significados que essa palavra tem para cada um dos irmãos. Para alguns, é uma realidade atribuída ao nascimento, talvez até mesmo antes da concepção, que determina o caráter e o comportamento de uma pessoa do início ao fim de sua vida; para outros, é uma espécie de imposição familiar e social que restringe a liberdade pessoal e gera opressão; outros ainda pensam que é uma estratégia para se adaptar a diferentes situações, assumindo diversas formas dependendo do contexto e das habilidades da pessoa; e outros permanecem indiferentes à questão e descartam sua importância.

7. Não é uma tarefa fácil compreender o significado da palavra *personalidade*. Tampouco é fácil entender como ela pode ser considerada uma ameaça real à experiência autêntica de nossa *identidade carismática*. Apesar da aparente incompatibilidade entre personalidade e carisma, visto que são construções supostamente abordadas por disciplinas diferentes, é importante não descartar sua implicação mútua e potencial interação dinâmica. Acreditamos, portanto, que uma reflexão ponderada e bem fundamentada sobre o assunto pode oferecer insights valiosos sobre o significado da palavra «personalidade» e como ela pode afetar a experiência de nossa identidade carismática.

8. Para atingir esse objetivo, precisamos estabelecer um diálogo frutífero entre as diferentes disciplinas, valorizando e respeitando seus respectivos objetos de estudo e reconhecendo a validade de suas descobertas. De fato, é aconselhável livrar-nos de qualquer preconceito que nos impeça de reconhecer as contribuições de outras disciplinas e buscar, na medida do possível, os elementos compatíveis que nos permitam estabelecer um vínculo de entendimento mútuo, o qual, além disso, amplie nossa maneira habitual de compreender o significado das palavras personalidade e carisma. Deixemos isso claro desde já: esses não são dois termos mutuamente exclusivos ou incompatíveis, pois se referem à mesma realidade na qual convergem: o ser humano. Seria impossível considerar o significado da palavra personalidade sem se referir à pessoa, assim como seria muito difícil compreender o significado do termo carisma sem considerar o ser humano como destinatário de um dom gratuito que provém do alto.

9. No itinerário pessoal de Francisco de Assis pode ser evidente a confluência entre personalidade e carisma. Celano, como veremos, oferece uma descrição do que poderíamos chamar de personalidade de Francisco antes de sua conversão e, ao mesmo tempo, da transformação progressiva de sua pessoa pela graça divina. Esta é, sem dúvida, uma chave de leitura franciscana que nos oferecerá elementos valiosos para compreender o significado das palavras personalidade e carisma, ao mesmo tempo que fornece os argumentos necessários para justificar como a personalidade pode constituir um obstáculo para viver o nosso modo de vida.

10. Começaremos por explorar os significados das palavras «personalidade» e «carisma». Procuraremos oferecer uma definição que abranja e sintetize as reflexões sobre cada um desses termos dentro de suas respectivas tradições culturais e acadêmicas, citando a bibliografia de apoio. Uma vez esclarecidos os significados correspondentes, buscaremos estabelecer um diálogo frutífero entre esses dois significados para mostrar como a personalidade pode afetar e, em alguns casos, distorcer a experiência de nossa identidade carismática. Tudo isso será interpretado sob uma perspectiva franciscana, ou seja, levando em consideração a trajetória biográfica de Francisco de Assis e seu testemunho escrito.

Personalidade

11. As palavras frequentemente têm uma origem circunstancial e estão relacionadas entre si. Parece ser o caso das palavras *pessoa e personalidade*. Para entender o significado da última, é necessário entender o significado da primeira. O termo "pessoa" remonta ao teatro grego e originalmente se referia à máscara usada pelos atores para representar as qualidades de um indivíduo publicamente reconhecido. Relacionado à palavra grega πρόσωπον [prósōpon], A cultura latina cunhou o termo *persona* para se referir à máscara usada em apresentações teatrais. Algumas etimologias populares propuseram que a palavra persona era composta pela preposição [per] e o verbo latino [sonare], adquirindo o significado de *sonar através de*, refirindo-se às máscaras que amplificavam a voz dos atores.[1] A palavra personalidade, *personalitas* em latim, seria composta pelo substantivo persona e o sufixo [litas], adquirindo o significado de qualidades ou características de uma determinada pessoa.[2]

12. A personalidade, entendida dessa forma, não se referiria a uma característica específica de uma pessoa, mas a um conjunto de qualidades ou traços

1 Corominas, Joan y Pascual, José A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Tomo IV (Madrid: Editorial Gredos, 1980–1991), p. 315. De Vaan, Michiel. *Etymological Dictionary of Latin and the Other Italic Languages* (Leiden: Brill, 2008), p. 473.

2 Corominas, Joan, *Diccionario*, Tomo IV, p. 316.

característicos que conferem consistência, unidade e identidade a essa pessoa.[3] A seguinte definição de personalidade parece confirmar esta primera aproximação a seu significado:

[...] A personalidade é uma organização dinâmica dos sistemas psicológicos de um indivíduo que influenciam seu comportamento e pensamentos característicos em diversas situações.[4]

13. Esta definição propõe entender a personalidade como uma organização dinâmica de vários sistemas psicológicos. O verbo latino *organizare*,[5] de onde provém a palavra organização remete ao ato de articular diversas partes em um todo funcional, sugerindo que a personalidade é uma espécie de sistema que articula várias dimensões para configurar a unidade e a consistência de uma pessoa. A ideia de uma organização dinâmica em relação à personalidade concede ao indivíduo uma série de possibilidades que o libertam do determinismo ou da imutabilidade, abrindo espaço para o autoconhecimento em termos de processo e constante atualização. A personalidade, portanto, deve ser entendida tanto como possibilidade quanto como projeto, o que implica uma abertura à novidade e a capacidade de incorporar diferentes maneiras de se posicionar na vida.

14. Se esta concepção da personalidade resultasse apropriada para compreender a realidade concreta de uma pessoa não haveria lugar para expressões autoreferenciais como *assim sou eu e não vou mudar* o ditado popular como *gênio e figura tem a sepultura* para referir-se a outras pessoas. Essas expressões, em princípio, negariam a possibilidade de transformação pessoal e, em última análise, revelariam a autosatisfação da pessoa, senão a mediocridade, e a resignação de muitos diante dos outros. Definir a personalidade como uma possibilidade, por outro lado, permitiria estabelecer uma conexão significativa com o conceito bíblico de conversão.[6] O convite de Jesus a Nicodemos para *nascer de novo* deve ser compreendido sob a perspectiva da conversão, ou seja, como um processo de transformação da própria personalidade.

[*Cf.* Jo 3,3]

15. A transformação da personalidade refere-se ao processo de reorganização, reajuste e atualização das dimensões ou partes que compõem o sistema como um todo. Não se trata, portanto, de uma supressão ou negação radical da personalidade em seu estado atual, mas sim de um reajuste progressivo de suas dimensões constituintes com base nas demandas e condições dos diferentes contextos de vida nos quais a pessoa participa. É apropriado indicar, ainda que brevemente, as dimensões que constituem a personalidade entendida como um sistema, a saber: *a física, a emocional, a cognitiva, a comportamental e a transcendente*. Essas dimensões compartilham uma característica comum: são transformáveis. De fato, se observarmos atentamente, nossa dimensão física passou por uma transformação notável desde o momento embrionário até o presente, e continuará a se transformar até a morte. A transformação do físico, para continuar com este exemplo, teve e continua a ter um efeito significativo sobre as outras dimensões que nos constituem como pessoas.

16. Negar essa qualidade transformadora das dimensões que constituem nossa personalidade seria ignorar a força renovadora que impulsiona a transformação da vida como um todo e, ao mesmo tempo, justificar uma imobilidade que petrifica a vida e impede o crescimento. Algumas palavras que entraram em nosso vocabulário tendem a reafirmar justamente essa imutabilidade à qual muitos se apegam para argumentar a impossibilidade de uma transformação pessoal genuína. Considere, por exemplo, a palavra temperamento. Para alguns, ela equivale àquilo que foi estabelecido desde o princípio, aqui-

3 [...] A pessoa não se confunde com suas propriedades, mas está acima delas; a pessoa é o todo, as qualidades mais o sujeito que as carrega e lhes dá unidade e continuidade. Burgos, Juan Manuel. *Reconstruir la persona. Ensayos personalistas* (Madrid: Ediciones Palabra, 2009), p. 85.

4 Cervone, D y Pervin L. A. *Personality: Theory and Research* (Hoboken: NJ, 2022), p. 4. [...] A personalidade é a organização dinâmica, dentro do indivíduo, dos sistemas psicofísicos que determinam seus comportamentos característicos e relativamente duradouros em diferentes situações. Allport, G. W. *Personality: A Psychological Interpretation* (New York: Henry Holt and Company, 1937), p. 48.

5 Corominas, Joan, *Diccionario*, Tomo VI, p. 448.

6 [...] A conversão é uma completa entrega da pessoa a Deus. No AT, o termo hebraico shuv (voltar-se, regressar) expressa a ideia de que a humanidade, afastada de Deus pelo pecado, deve retornar a Ele de todo o coração (cf. Jr 3:14; Os 14:2). No NT, metanoia (Mc 1:15) proclama o Reino de Deus e exige uma mudança profunda: não apenas lamentar o pecado, mas transformar a própria vida segundo o Evangelho. Biblia de Jerusalén (Madrid: Ediciones Paulinas, 2001), p. 1682. Cf. Bover, José María y Sicre, José Luís. *Diccionario de las Sagradas Escrituras* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956), p. 287.

lo que não admite qualquer modificação ou transformação.[7] Não obstante estas considerações, a palavra temperamento parece ter outro significado segundo sua origen etimológica. Derivada do verbo latino *temperare*, na qual indica a ação de mesclar numa justa proporção,[8] faria referência mais a uma qualidade que outorga *certa estabilidade* à personalidade, que a um dos seus componentes natos e, portanto, constitutivos e permanentes.

17. O *temperamentum*, entendido como qualidade estabilizadora da personalidade, estabeleceria um certo *equilíbrio dinâmico*[9] no processo de organização dos sistemas envolvidos na formação da personalidade, ocorre uma estabilização que tende a ser identificada com a *fixação* de uma personalidade específica; portanto, personalidade e temperamento parecem ser termos intercambiáveis em seu significado. Afirmar que o temperamento é uma qualidade estabilizadora significaria que a personalidade deve ser entendida como um movimento constante em busca de equilíbrio entre *permanência* e *transformação*. Isso, por sua vez, explicaria a tendência de algumas personalidades à *fixação* [permanência] de seus traços característicos e, ao mesmo tempo, a capacidade de transformação que caracteriza outros tipos de personalidade. O temperamento, portanto, não é equivalente ao determinismo biológico,[10] em vez disso, refere-se à possibilidade de atualização e autorregulação inerente a todo ser vivo.

18. Essa qualidade de proporcionar equilíbrio à personalidade implica a presença de diversas dimensões constitutivas que interagem constantemente entre si e se afetam reciprocamente. O que acontece no plano físico terá um efeito, de acordo com a dinâmica dos sistemas, nos planos emocional, cognitivo, comportamental e transcendente, do qual se pode inferir que a personalidade está em constante movimento e em busca perpétua de equilíbrio. Afirmar que a personalidade está em constante movimento não significa necessariamente que haja ausência de estabilidade ou falta de continuidade ao longo do tempo. Geralmente temos a sensação de sermos a mesma pessoa, apesar das muitas transformações que vivenciamos em nossa jornada de vida. Compreender a personalidade a partir de uma perspectiva sistêmica[11] não constitui uma ameaça à identidade pessoal, mas sim uma oportunidade para nos tornarmos agentes conscientes da nossa própria transformação enquanto pessoas.

19. Essa transformação pessoal não se deve unicamente às ações conscientes do indivíduo, visto que grande parte da nossa infância e adolescência é passada sob a influência de muitas pessoas em diferentes circunstâncias. Familiares, colegas de escola, amigos da vizinhança, vizinhos, colegas da universidade ou colegas do nosso primeiro emprego — para citar apenas alguns grupos significativos — interagiram conosco. Quer admitamos ou não, todos fizeram parte da nossa jornada de vida e, em maior ou menor grau, moldaram a nossa personalidade por meio de suas palavras, gestos, reações e comportamentos. Essa marca ou impressão que os outros deixaram em nós, que de alguma forma moldou a nossa personalidade, é o que conhecemos como *caráter*.[12] Não se trata de uma característica de nossa

7 [...] As pessoas costumam falar de "temperamento" ou "constituição" como características inatas devido a fatores genéticos, mas muitas vezes esquecem que diversas variáveis ambientais anteriores ao nascimento, ou seja, durante o desenvolvimento fetal, podem ter influenciado esse temperamento. Talarn, A., Francesc S. y Anna R. *Relaciones, vivencias y psicopatología. Las bases relacionales del sufrimiento mental excesivo* (Barcelona: Herder Editorial, 2013), p. 41.

8 Corominas, Joan, *Diccionario*, p. 193.

9 [...] Um estado de estabilidade que não é estático, mas sim mantido por meio de um fluxo contínuo de matéria, energia e informação. Nos sistemas vivos, esse equilíbrio não é uma condição fixa, mas um processo em constante evolução, sustentado por redes de relações interdependentes. Capra, F. *La tejedura de la vida: Una nueva comprensión científica de los sistemas vivos.* Traducción de Antonio Manuel Ortiz (Barcelona: Editorial Anagrama, 1996), pp. 108-112.

10 [...] O temperamento é frequentemente definido como a parte da personalidade cuja origem reside na herança genética. No entanto, não se trata tanto de uma transmissão hereditária direta, mas sim de uma certa predisposição emocional; ou seja, uma tendência na forma básica como um indivíduo reage às situações que encontra. Talarn, *Relaciones*, p. 58.

11 [...] O bioquímico Lawrence Henderson foi influente com o uso inicial do termo sistema para se referir a organismos vivos e sistemas sociais. A partir desse momento, o sistema passou a definir um todo integrado cujas propriedades essenciais surgem das relações entre as suas partes, e o *pensamento sistêmico* a compreensão de um fenômeno no contexto de um todo superior. Esta é, aliás, a raiz da palavra sistema que deriva do grego *synistánai* (reunir, reunir, colocar junto). Compreender as coisas sistemicamente significa literalmente colocá-las em contexto, estabelecer a natureza de seus *relacionamentos*. Capra, F., *La Trama de la vida. Una nueva perspectiva de los sistemas vivos* (Barcelona: Editorial Anagrama, 2006), p 47.

12 [...] Do latim *caracter*, e do grego *kharaktḗr* (χαρακτήρ), ‹instrumento de registro, marca feita por impressão, selo›. Em sentido figurado, «marca distintiva, sinal peculiar». Entrou no espanhol no século XV, inicialmente nos sentidos físicos (pegada, sinal) e depois nos sentidos morais e psicológicos (natureza de uma pessoa). Corominas, Joan, *Diccionario*, Tomo VI, p. 465-466.

personalidade, como quando se afirma de alguém que é de caráter áspero ou delicado, mas sim todas aquelas impressões que moldaram nossa maneira particular de ser e de nos relacionarmos com os outros ao longo de nossa jornada de vida.[13]

20. A personalidade humana é uma realidade complexa, dinâmica e misteriosa, composta por múltiplas dimensões que interagem constantemente entre si e estão expostas às influências de um contexto mais amplo e em constante mudança, formado por pessoas e circunstâncias. Não é definitivamente fechada, nem permanece imutável. Seu dinamismo dá origem a novos desenvolvimentos e fomenta a incorporação de novas qualidades. A personalidade é uma realidade flexível que permite atualizações e aprendizados que enriquecem e completam a pessoa, impulsionando-a rumo a uma versão melhor de si mesma. Essa forma de compreender a personalidade liberta as pessoas do medo de transformar suas próprias vidas e da tentação de permanecerem estagnadas em um modo de ser e existir no mundo repetitivo, previsível e estéril. Além disso, permite o compromisso com a conversão contínua, entendida como a renovação constante da pessoa, guiada e iluminada pelo Espírito do Senhor.

[*Cf.* Const. 109,2]

21. A personalidade, então, pode ser entendida como a maneira habitual pela qual uma pessoa organiza, processa e expressa as diferentes dimensões que a constituem. Refere-se à forma como uma pessoa se relaciona com o próprio corpo, acolhendo-o ou rejeitando-o, cuidando dele ou negligenciando-o, conectando-se com ele ou desconectando-se dele. Refere-se à forma como processa as suas emoções, governando-as ou permitindo-se ser governada por elas, reconhecendo-as ou ignorando-as, integrando-as ou sendo dominada pelos seus efeitos. Refere-se ao seu estilo de processamento cognitivo da informação, exagerando-a ou minimizando-a, validando-a ou invalidando-a, aceitando-a como sua ou considerando-a estranha. Refere-se ao tipo de reação a outras pessoas ou situações, sendo agressiva ou serena, introvertida ou extrovertida, áspera ou gentil, confiante ou desconfiada. Por fim, vale a pena mencionar a postura que cada um adota em relação ao mistério da realidade como um todo, abrindo-se ao transcendente ou fechando-se na imanência, confiando em alguém maior ou confiando apenas na própria força, dando origem à esperança ou caindo num pessimismo sem ilusão.

22. A personalidade de cada ser humano é uma combinação original e única de todas essas dimensões, moldada histórica e biograficamente. Daí a dificuldade, senão a impossibilidade, de encontrar duas personalidades idênticas. A referência à história e à biografia é necessária para compreender o processo de formação da personalidade. A *história* refere-se às condições, circunstâncias e pessoas que influenciaram o desenvolvimento da personalidade, enquanto a *biografia* indica a maneira particular pela qual cada pessoa, consciente ou inconscientemente, articulou toda essa influência histórica de forma coerente e funcional, conferindo-lhe autoconsciência e consolidando uma identidade pessoal.

23. O termo *identidade* está relacionado com a experiência subjetiva de continuidade no tempo,[14] permitindo a pessoa reconhecer a si mesma e ser reconhecida e identificada pelos demais como una pessoa bem diferenciada. A *identidade pessoal* se referiria, então, à consciência de si mesmo que se reconhece numa espécie de diálogo interno em que a pessoa conversa consigo mesma, avalia situações passadas e tira conclusões, define prioridades, calcula consequências, reconhece erros, julga o comportamento dos outros, elabora estratégias de relacionamento, promove uma autoimagem e define um plano de ação.[15] A identidade pessoal, entendida como autoconsciência — isto é, a capacidade de reconhecer que nós mesmos temos consciência e gerenciamos o que acontece em nosso mundo interior — não ocorre

13 [...] Em contraste com o temperamento, o caráter se refere à parte da personalidade que é aprendida ao longo da vida, com base na experiência e na cultura. (Albores, Márquez y Estañol, 2003). Talarn, *Relaciones*, p. 58.

14 [...] Do lat. identĭtas, -ātis, formado sobre idem 'o mesmo' (compárese ídem), com o sufixo abstracto -tas (como em veritas, libertas). Aparece em español no séc. XVII, inicialmente en textos filosóficos y jurídicos. Corominas, Joan, *Diccionario*, Tomo III, p. 412-413.

15 [...] A adolescência é uma fase crucial para o desenvolvimento da identidade pessoal e dos relacionamentos. É durante a adolescência que os indivíduos se tornam mais conscientes de seus próprios modelos internos MOI e desenvolvem uma maior capacidade de autorreflexão e reflexão sobre os outros. Os MOI incluem representações de si mesmo e dos outros, e servem para regular, interpretar e prever comportamentos, pensamentos e sentimentos relacionais, tanto próprios quanto alheios. (Bretherton y Munholland, 1999). Los MOI son como esquemas, más o menos conscientes, o «estructuras internas» (Marrone, 2001), com a qual cada um de nós se move no mundo, ou seja, no mundo das relações humanas. Talarn, *Relaciones*, p. 72.

isoladamente ou à parte de um contexto relacional específico, mas sim graças a ele. A identidade pessoal corresponde a um processo contínuo de autogestão interna que se manifesta externamente por meio da personalidade.

24. A autoconsciência, ou seja, a capacidade de compreender tudo o que acontece internamente em todas as circunstâncias e de reconhecer as consequências do próprio comportamento, permite à pessoa identificar os diferentes cenários relacionais que constituem a vida humana e participar neles livre e voluntariamente. *A relação consigo mesmo, com os outros, com a criação e com o mistério divino* são os cenários relacionais que moldam e tornam possível a vida humana; sem eles, seria muito difícil compreender o processo de formação da personalidade humana. Sem cenários relacionais, o surgimento da personalidade humana não seria possível. Consequentemente, cada pessoa faz parte desses cenários relacionais e participa deles, criando um ciclo de retroalimentação recíproca no qual a pessoa é influenciada por eles e, ao mesmo tempo, os influencia. Quando essa influência é favorável, fomenta-se uma personalidade equilibrada e saudável; quando é desfavorável, surgem desequilíbrios ou alterações de personalidade, que algumas classificações diagnósticas denominam apropriadamente de transtornos de personalidade.[16]

25. A intrusão inadvertida, agressiva ou abusiva de uma pessoa na vida de outra, seja por meio de palavras vulgares ou intervenções desrespeitosas no corpo, não só gera desconforto significativo, como também pode desencadear e, posteriormente, manifestar transtornos mentais[17] ou da personalidade. É a esse significado que se refere a palavra trauma. Derivada dos verbos gregos τρώσσω [trṓssō], ser ferido, e τρωθῶ [trōthō], receber dano, τραῦμα (traûma) se traduz como ferida, golpe ou lesão.[18] Isso geralmente implica um contexto relacional. Embora trauma possa ser um acidente de carro ou uma calamidade climática, o termo é geralmente usado para descrever a intervenção prejudicial de um ser humano que introduz caos e confusão na vida de outra pessoa, causando sérias dificuldades em sua personalidade.

26. A palavra personalidade Refere-se à complexa realidade da humanidade e busca sintetizar todas as variáveis que constituem e moldam a identidade de uma pessoa. Enquanto o termo "pessoa" foi usado por Tertuliano, entre os séculos II e III, para se referir à diferença ontológica dentro do mistério da Trindade,[19] teríamos que esperar até o século XVII para encontrar o uso moderno da palavra *personalitas*.[20] Esta informação bibliográfica permite-nos inferir que nem a palavra nem o seu significado moderno eram usados no século XIII, o que não nos impede de nos referirmos à personalidade de Francisco de Assis, ou de outras figuras famosas que o precederam, especialmente se dispusermos de documentos desse período que, à sua maneira, descrevam alguns traços da personalidade do filho de Bernardone. Tomás de Celano escreve sobre isto:

> [...] Na cidade de Assis, localizada na região do Vale de Spoleto, vivia um homem chamado Francisco; desde a mais tenra infância, foi criado licenciosamente por seus pais, em consonância com a vaidade da época; e, imitando por muito tempo sua lamentável vida e costumes, acabou por superá-los em vaidade e frivolidade.
>
> [FF 317]

Esses são os tristes princípios que este homem, a quem veneramos hoje como um santo — pois ele o é —, praticou desde a infância, e pelos quais continuou a desperdi-

16 [...] Um transtorno de personalidade é caracterizado por um padrão persistente de experiência interna e comportamento que se desvia acentuadamente do que é esperado com base na cultura do indivíduo. Esse padrão é inflexível e desadaptativo, tem início na adolescência ou no início da idade adulta, é estável ao longo do tempo e leva a sofrimento subjetivo, prejuízo funcional ou consequências negativas para os outros. American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales*, 5ª ed., texto revisado (Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2013), p. 648.

17 [...] Um transtorno mental é uma síndrome caracterizada por um conjunto clinicamente significativo de alterações cognitivas, de regulação emocional ou comportamentais que refletem uma disfunção nos processos psicológicos, biológicos ou de desenvolvimento subjacentes à função mental. Geralmente está associado a sofrimento ou incapacidade significativos em uma ou mais áreas principais do funcionamento social, ocupacional ou outro. *Ibíd*, p. 20.

18 Corominas, Joan, *Diccionario*, Tomo VI, p. 517.

19 Tertuliano. *Contra Práxeas* (Adversus Praxean). En J. Pouilloux, A. de Halleux, y J. C. Fredouille (Eds.). Tertullien: Oeuvres complètes (París: Éditions du Cerf. Colección Sources chrétiennes, n.º 198, 1972), p. 457.

20 Locke, J. *An Essay Concerning Human Understanding*. Editado por P. H. Nidditch. Obra original publicada en 1689 (Oxford: Clarendon Press, 1975), Libro II, Capítulo XXVII, §9, p. 335.

çar miseravelmente a sua vida até quase os vinte e cinco anos. Além disso, superando todos os seus contemporâneos em vaidade, mostrou-se aquele que, mais do que qualquer outro, incitava o mal e se destacava em todas as tolices. Cativava a admiração de todos e esforçava-se para ser o primeiro em demonstrações de vanglória, em jogos, em caprichos, em palavras espirituosas e vazias, em canções e em roupas macias e confortáveis. E embora fosse muito rico, não era afligido pela avareza, mas sim pela prodigalidade; não tinha ânsia de acumular dinheiro, mas sim era esbanjador; um homem de negócios cauteloso, mas um gastador muito fácil. Era, no entanto, muito humano, habilidoso e extremamente afável, embora para seu infortúnio. Pois havia muitos que, sobretudo por causa disso, o seguiam, praticando o mal e incitando a corrupção. Assim, ele marchou, orgulhoso e magnânimo, em meio a essa corja de homens perversos, pelas praças da Babilônia.

[FF 320]

27. Sem entrar em considerações sobre a historicidade desta descrição da personalidade de Francisco ou as possíveis intenções hagiográficas do autor, a citação documental permite-nos identificar alguns traços de personalidade que distinguiam o jovem Francisco de outras pessoas da sua época. A sua tendência para a vaidade, a sua busca por ser o primeiro na pompa e circunstância, o seu uso de palavras vazias, a sua preferência por roupas macias e confortáveis, a sua perspicácia para os negócios e a sua liberalidade com os recursos, o seu modo humano, hábil e extremamente afável, a sua inclinação para a corrupção e a sua atitude altiva são alguns dos *traços de personalidade* que caracterizaram Francisco e lhe deram a sua identidade, tornando-o facilmente reconhecível para os outros. Também é interessante a informação que Celano fornece sobre o contexto cultural e familiar que explicaria a formação histórica e biográfica da personalidade do filho de Bernardone:

[...] Este costume terrível enraizou-se tão profundamente entre aqueles que se dizem cristãos, e esta doutrina perniciosa foi tão firmemente estabelecida e aceita como se fosse lei pública, que desde o berço se esforçam para criar seus filhos com extrema leniência e comportamento dissoluto. Pois, mal começam a falar ou balbuciar, como recém-nascidos, já aprendem, por meio de gestos e palavras, coisas vergonhosas e execráveis; e, quando chega a hora do desmame, são forçados não apenas a dizer, mas a fazer coisas totalmente imorais e lascivas. Nenhum deles ousa, por medo da pouca idade, comportar-se honestamente, pois seriam severamente punidos. Como bem disse o poeta pagão: "Como crescemos em meio à maldade de nossos pais, todos os males nos seguem desde a infância". Este testemunho é verdadeiro, pois quanto mais facilmente os pais cedem aos seus desejos, mais prejudiciais são para seus filhos.

[FF 318]

Mas, à medida que envelhecem, por sua própria vontade, deslizam para atos piores. Pois de uma raiz danificada nasce uma árvore doente, e o que uma vez corrompido dificilmente pode ser trazido de volta ao caminho do bem.

[FF 319]

28. Esta descrição do autor identifica o *caráter histórico* da personalidade de Francisco, ou seja, a influência do contexto cultural e dos modelos educacionais existentes na época, especialmente no que se refere à maneira como os pais tratavam seus filhos. A *natureza biográfica* de sua personalidade também é reconhecida quando se afirma que, na vida adulta, o indivíduo, por sua própria vontade, continua a incorporar características de seu ambiente em sua personalidade. O hagiógrafo, talvez involuntariamente, exemplifica o significado da palavra *caráter* ao afirmar que as crianças aprendem por meio de *gestos e palavras*, e que *são forçadas a dizer e fazer coisas imorais e lascivas*, destacando a influência que os pais exercem sobre seus filhos na formação de sua personalidade.

29. Uma especial atenção merece a seguinte afirmação: *Pois de uma raiz danificada nasce uma árvore doente, e o que uma vez foi pervertido dificilmente pode ser reconduzido ao caminho do bem.* Ao que parece, o hagiógrafo sugere que o que se aprende dentro de um contexto cultural e familiar dificilmente pode ser desaprendido, o que justificaria a persistência de muitas pessoas na crença de que é impossível transformar a própria personalidade e a sua falta de comprometimento com o processo de conversão pessoal. Contudo, o mesmo hagiógrafo afirma: "*Estes são os tristes princípios pelos quais este homem, a quem veneramos hoje como santo — porque o é —, praticou desde a infância*". Note-se a ênfase no que foi aprendido na infância, algo que parece inabalável, e como uma profunda transformação da pessoa se torna evidente até que ela seja reconhecida como santa pelos outros. Esta observação permite-nos inferir que uma transformação da personalidade humana é

possível. Como é possível essa transformação, quais são as condições necessárias e quem seria o principal responsável por ela, estas são algumas das questões que serão abordadas nas considerações seguintes.

Carisma

30. Afirma o apóstolo Pedro: *Que cada qual ponha ao serviço dos demais os dons* [carismas] *que tem recebido, como bons administradores das diversas graças de Deus*.[a] A palavra carisma procede do grego χάρισμα [charisma], e significa literalmente dom de graca, derivado por sua vez de χάρις [charis], graça, que significa favor imerecido. Com este mesmo significado é utilizada pelo apóstolo Paulo em algumas de suas cartas.[21] Tanto na esfera humana quanto no contexto da fé, o carisma envolve uma relação interpessoal na qual uma das partes oferece livremente um dom e a outra o recebe sem qualquer mérito, reforçando a ideia de generosidade e gratuidade. Nas cartas dos dois apóstolos mencionados, esses dons recebidos têm um propósito inegável: a *edificação da comunidade* e *o serviço mútuo*.[b]

[a. 1Pe 4,10; b. *cf*.1Co 12,7; Ef 4,12]

31. A ideia de um dom gratuito dado pelo Espírito a uma pessoa para contribuir na construção da comunidade crente sugere uma qualidade específica, como sugere o próprio Paulo: *sabedoria, ciência, fé, profecia, discernimento ou falar em línguas*, entre outros carismas.a Estas graças, consideradas com cuidado, são realidades imponderáveis, ou seja, não podem ser quantificadas ou medidas, por isso são classificadas como dons espirituais.b Não são, portanto, objetos que possam ser contemplados com os olhos ou tocados com as mãos, ou que possam ser dispostos à vontade para um fim específico. São, ao que parece, qualidades que surgem no contexto de uma estreita relação interpessoal entre o Espírito e a pessoa humana. Isso parece ser sugerido pelo Homem Pobre em seu Testamento:

[a. 1Co 12,7-10; b. 1Co 12,1]

[...] O Senhor me concedeu, Irmão Francisco, a graça de começar a fazer penitência desta maneira: porque, estando em pecado, parecia-me extremamente amargo ver os leprosos. E o próprio Senhor me conduziu até eles, e eu lhes mostrei misericórdia. E quando me afastei deles, o que me parecera amargo transformou-se em doçura da alma e do corpo; e então fiz uma pausa e deixei o mundo. E o Senhor me deu tal fé nas igrejas que eu simplesmente rezei e disse: Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, também em todas as vossas igrejas por todo o mundo, e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo.

[FF 110-111]

32. Francisco refere-se a vários dons que o Senhor lhe concedeu gratuitamente: *a penitência, a misericórdia e a fé*. Estes carismas, além de serem realidades externas que se infundem na alma do ser humano, são qualidades pessoais que emergem na intimidade do relacionamento com Deus. Ou seja, o ser humano que se relaciona intimamente com o Senhor fica imbuído de Suas qualidades divinas e aprende a agir como Ele. É o que acontece na contemplação, tal como foi entendida na tradição capuchinha e explicitada nas Constituições de Santa Eufêmia, como explica o subsídio *Nossa identidade carismática*.

[*Nuestra identidad carismática.* nn.52-62]

33. A penitência, a misericórdia e a fé são, então, qualidades pessoais que Francisco, em seu relacionamento com o Senhor, aprende qualidades que têm um dupla finalidade: *consolidar esta relação interpersonal e prolongar no tempo a ação mesma de Deus*. A penitência permite a Francisco permanecer sempre na presença do Senhor e não ser seduzido pelas tentações que o separariam d›Ele: *"...Voltem para mim de todo o coração, com jejum, com choro e com luto. Rasguem o coração, e não as vestes; voltem para o Senhor, seu Deus*.".[a] Pela fé, Francisco confia plenamente em seu Senhor e se entrega com segurança em Suas mãos: Seu espírito é firme, ele guarda a paz, porque confia em ti. Confie sempre em Javé, pois Ele é a nossa Rocha eterna; Bem-aventurado aquele que confia em Javé, pois sua confiança não será frustrada; No dia em que eu tiver medo, confiarei em ti. Em Deus, cuja palavra eu louvo, em Deus eu confio e não temo mais. O que me pode fazer um mortal?.[b] A misericórdia impulsiona Francisco a cuidar dos leprosos, da mesma forma que o Senhor

21 [...] χάρισμα, Em um sentido secular, denota um ‹favor› ou ‹dom› na esfera humana. No Novo Testamento, porém, refere-se sempre a um dom que se origina da graça de Deus. Não é um mérito, mas um dom gratuito. Em Romanos 12:6 e 1 Coríntios 12:4, Paulo fala de dons espirituais (πνευματικά) que são χαρίσματα, enfatizando sua origem divina e seu propósito comunitário. O dom não é para o indivíduo, mas para o bem comum. (1 Cor 12:7). Horst Balz y Gerhard Schneider. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento,* V. I (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1998), p.1004. Cf. Fitzmyer, Joseph A. (2006). *Diccionario bíblico*, 6.ª Ed., (Madrid: Ediciones Paulinas, 2006), p. 185.

cuida de todos os necessitados, cumprindo as palavras de Jesus: Sede misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso.[c]

[a. Jl 2,12-13; Ez 33,11; Os 14,1-2; Is 55,6-7; Lc 15, 18-20; b. Is 26,3-4; Jer 17,7; Sal 56,3-4; c. Lc 6,36]

34. Francisco testemunha outro dom que recebeu, o qual aprofunda sua relação com o Senhor e lhe permite viver o Evangelho em sua plenitude: *E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me ensinou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho*. O dom dos irmãos não só liberta Francisco da tentação do egocentrismo, como também lhe permite partilhar com outros seres humanos as infinitas riquezas que experimentou em sua íntima relação com o Altíssimo. O dom dos irmãos ajuda Francisco a compreender que o Evangelho não é uma proposta para ser vivida na solidão, mas em fraternidade; daí a confissão do Pequeno Pobrezinho: *O Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do Santo Evangelho*. Esta revelação equivale a ver com os próprios olhos do Altíssimo,[22] isto é, compreender o que Ele queria para Francisco e para os irmãos que lhe havia dado.

[FF 116]

35. O testemunho de Francisco ajudar-nos-ia a compreender que os carismas não são realidades estranhas ou diferentes de Deus que nos envia e nos oferece gratuitamente, como quem dá um livro ou um chocolate, mas sim qualidades pessoais que apreendemos quando nos relacionamos intimamente com Ele, como quem fica completamente impregnado quando imerso numa fonte de água. Nesta perspectiva, é o próprio Deus quem se doa e se oferece para enriquecer a vida do ser humano, conduzi-lo à sua plenitude e continuar, através dele, a sua obra salvífica na história: *Em verdade, em verdade vos digo que quem crê em mim também fará as obras que eu faço, e fará outras ainda maiores*. É o Altíssimo em pessoa que se aproxima de Francisco com compaixão, lhe propõe livremente uma relação interpessoal e realiza nele a sua obra salvífica, como escreve o hagiógrafo:

[Jo 14,12]

[...] Foi, portanto, a mão do Senhor que repousou sobre ele e a destra do Altíssimo que o transformou, para que, por meio dele, os pecadores pudessem ter a confiança de serem restaurados à graça e ele pudesse servir de exemplo de conversão a Deus para todos.

[FF 321]

36. O texto hagiográfico reforça a ideia de uma intervenção pessoal do Altíssimo na transformação de Francisco, referindo-se *à mão do Senhor e à mão direita do Altíssimo*. É o próprio Senhor, com as suas próprias mãos, que transforma Francisco, como um oleiro transforma o barro que tem nas mãos. Esta intervenção do Senhor em Francisco é, claramente, uma transformação da sua pessoa e, poderíamos dizer, da sua personalidade. O hagiógrafo refere-se a este processo de transformação pessoal nos seguintes termos:

[*cf*. Jer 18,4]

[...] A partir daquele dia, ele começou a se menosprezar e a encarar com certo desdém tudo o que outrora admirara e amara. Mas não completamente, nem verdadeiramente, pois ainda não estava livre das amarras da vaidade nem havia se livrado do jugo da perversa escravidão.

[FF 324]

Já transformado, mas apenas interiormente e não exteriormente, ele renuncia à sua viagem à Apúlia e se esforça para submeter sua vontade ao divino. Assim, afastando-se um pouco do clamor do mundo e dos negócios, procura manter Jesus Cristo no íntimo do seu ser. Como um mercador prudente, esconde a pérola que encontrou dos olhos dos iludidos e, com toda cautela, se empenha em adquiri-la, vendendo tudo o que possui.

[FF 328]

Ele estava queimando com fogo divino por dentro e não conseguia esconder o ardor de seu espírito do lado de fora. Arrependia-se de ter pecado tão gravemente e de ter ofendido os olhos da divina Majestade; Ele não mais desfrutava dos pecados passados ou presentes; mas ele ainda não havia recebido a plena segurança de estar livre do futuro.

[FF 329]

37. A consciência do próprio pecado, a renúncia a projetos vãos, uma nova maneira de se ver, o afastamento do clamor do mundo, a busca da vontade divina e o anseio de ter Jesus Cristo no íntimo do ser são, sem dúvida, indicadores de um profundo pro-

22 [...] A revelação não é a transmissão de conhecimento, mas a concretização da salvação; não é a comunicação de dados, mas o estabelecimento de uma relação. Torres Queiruga, Andrés. *Revelación y salvación. Ensayo de síntesis teológica* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1984), p. 42.

cesso de transformação pessoal em curso, um processo que atingirá a sua maturidade na total conformidade com Cristo e na plena comunhão com o *Grande e admirável Senhor*. A força dessas evidências documentais torna impossível sustentar uma ideia difundida entre os irmãos da Ordem, especialmente entre aqueles que percorreram uma trajetória biográfica de muitos anos, segundo a qual uma transformação da própria personalidade seria muito difícil, senão impossível. Afirmar essa ideia seria o mesmo que duvidar do poder transformador do Altíssimo e, ao mesmo tempo, revelar os níveis de complacência e negligência pessoal em que se encontram muitos irmãos.

[AlD 6]

38. A ausência de um relacionamento profundo e significativo com o Altíssimo explicaria tantas situações conflituosas e problemáticas que ferem e prejudicam nosso modo de vida em toda a Ordem. Essa ausência, acreditamos e constatamos nas reuniões do Conselho Geral, constitui o *problema radical* do qual surgem tantas situações dolorosas, lamentáveis e vergonhosas entre nós. Parece que, com exceção dos muitos irmãos que buscam sinceramente o Senhor, muitos de nós vivemos *et si Deus non daretur*. Isso se manifesta na pobreza de nossa oração pessoal e fraterna, na aridez de nossos relacionamentos fraternos e na primazia dos projetos de vida pessoais, para citar apenas alguns traços sintomáticos que estão se tornando comuns em muitas partes de nossa fraternidade universal. Precisamos urgentemente retornar ao Senhor se realmente desejamos uma transformação genuína de nós mesmos e, consequentemente, de nosso modo de vida.

[cf. Os 14,2]

39. Chegando a este ponto, estamos agora em condições de responder às questões levantadas antes de iniciarmos esta seção. O principal agente da transformação humana é o Senhor que, com a disposição da pessoa, é capaz de transformar *a terra árida em fontes de água.* Além da disposição, os seres humanos são chamados a realizar tarefas específicas para contribuir com a transformação de sua personalidade, como a oração, práticas penitenciais e obras de misericórdia, todas combinadas com disciplina e perseverança. Essas são as condições necessárias para que ocorra uma verdadeira transformação pessoal. Como essa transformação acontece permanece um mistério, pois o que acontece com uma pessoa é como o que Jesus fala sobre a semente lançada na terra que cresce *sin que nadie sepa la manera*. O que se pode observar, porém, são os efeitos da transformação, pois pelos *seus frutos os conhecereis*.

[*Cf*. Is 41,18; *cf*. Mc 4,26-27; *cf*. Mt 7,16]

40. Gostaríamos de concluir esta seção com um esclarecimento sobre o significado da palavra carisma em relação ao nosso modo de vida. No recurso anterior sobre *Nossa Identidade Carismática*, que compartilhamos com todos os irmãos da Ordem, delineamos as características que dão identidade e coerência ao nosso modo de vida — características que devem ser incorporadas por cada irmão para que o carisma recebido do Senhor permaneça vivo e encontre novas formas de se renovar. Podemos classificar essas características nos dois [2] propósitos que o Senhor tem em mente quando nos concede Seus dons: *fortalecer nosso relacionamento com Ele e dar continuidade à Sua obra salvífica na história.*

41. Para fortalecer nossa relação pessoal com o Senhor, precisamos incorporar em nossas vidas *a penitência, o silêncio e a solidão, a oração mental, a contemplação, o desapego, a austeridade e a minoridade* — carismas que nos conduzirão progressivamente à *conformidade com Cristo e com Francisco.* Para dar continuidade à sua obra salvífica, seremos auxiliados pelo *trabalho manual, pela mendicância, pela fraternidade, pelo ministério da misericórdia e pela pregação evangélica*. Tudo isso se articula por meio da *pluriformidade*, entendida como a incorporação simultânea de todos esses carismas em um único modo de vida. Por carisma capuchinho, portanto, devemos entender a integração de todos esses dons na unidade de um único estilo de vida que nos confere identidade carismática e institucional. Com esse esclarecimento, teremos os elementos necessários para estabelecer uma relação entre *personalidade* e *carisma*, como sugere o título destas considerações.

Personalidade e carisma

42. Refletir sobre o carisma franciscano ou sobre nossa identidade carismática como capuchinhos é algo familiar para muitos irmãos da Ordem, e para outros é uma tarefa necessária se quisermos reacender nosso modo de vida neste momento histórico.

O mesmo não se pode dizer da questão da personalidade, já que, como já foi mencionado, parece ser um tema sem conexão substancial com o carisma, exceto talvez nas casas de formação inicial, onde possa ter pouca importância. Aqueles que leram até aqui provavelmente ainda se perguntam que tipo de conexão pode ser estabelecida entre personalidade e carisma. As considerações que se seguem, sejamos claros, têm um propósito fundamental: provocar nos irmãos uma reflexão pessoal que lhes permita descobrir, dentro de si mesmos, como se articulam personalidade e carisma.

43. Na introdução, afirmamos que o Ministro Geral e seu conselho têm a tarefa de encorajar carismaticamente os irmãos e admoestá-los, quando julgarem apropriado, sobre as ameaças internas e externas que distorcem nosso modo de vida e diminuem a beleza do nosso carisma. Nesta ocasião, desejamos alertar sobre uma ameaça interna, que chamamos, precisamente, de personalidade. É possível considerar a personalidade uma ameaça à nossa identidade carismática? Esperamos responder a esta pergunta afirmativamente. Por que chamá-la de ameaça interna? Por várias razões: porque envolve a vida interior de cada irmão, causando, por vezes, sofrimento significativo; porque a personalidade de um irmão pode afetar consideravelmente a vida interna de uma fraternidade local e até mesmo ser um problema real para uma circunscrição ou uma igreja específica; porque a personalidade de um irmão pode se tornar o único critério que define seu modo de vida, sobrepondo-se aos critérios evangélicos e carismáticos; porque, em última análise, a personalidade humana não está isenta de dificuldades e exige constante transformação.

44. A palavra "personalidade" não possui, em si mesma, qualquer conotação favorável ou desfavorável, pois se refere à maneira particular como cada irmão organizou, histórica e biograficamente, as diferentes dimensões que o constituem como pessoa. O problema se torna evidente quando uma personalidade é descrita com um adjetivo específico: *explosivo, evasivo, conflituoso, combativo, narcisista, dependente, obsessivo, perfeccionista, introvertido,* entre outros termos usados coloquialmente ou em contextos profissionais. Qualquer pessoa que tenha convivido, seja na família de origem ou no convento, com alguém que apresente alguns desses traços de personalidade sabe que não é fácil estabelecer uma relação fraterna saudável, nem trabalhar em conjunto por um objetivo comum, para citar apenas alguns aspectos da vida comunitária.

45. Observamos repetidamente nas reuniões do Conselho Geral que os problemas mais sensíveis e ruidosos nas circunscrições e fraternidades locais estão geralmente relacionados a irmãos específicos e ao seu modo particular de ser, relacionar-se, reagir e agir em várias dimensões do nosso modo de vida. Essa observação levou-nos a alertar sobre a ameaça interna que esses tipos de personalidade representam para a vivência da nossa identidade carismática. Por essa razão, com base no que vimos e ouvimos, apresentamos abaixo uma descrição geral dos tipos de personalidade que são problemáticos e constituem uma séria ameaça interna ao nosso modo de vida.

46. As descrições a seguir são de natureza pedagógica, pois não descrevem irmãos específicos, mas oferecem um quadro geral no qual se agrupam vários traços de personalidade de um personagem fictício, como o próprio Francisco propôs ao falar do *irmão perfeito*. Além disso, ficção não implica invenção, visto que esses traços de personalidade são observáveis na realidade de muitas circunscrições e fraternidades locais. Exortamos os irmãos a lerem atentamente estas descrições e a reconhecerem, com humildade e coragem, diante do Senhor, se algum desses traços de personalidade caracteriza seu modo de ser e viver nossa identidade carismática. Façam um esforço de leitura autocrítica, como se estivessem examinando a própria consciência, para que não pensem em outros irmãos que convivem e trabalham com vocês. Não se desanimem, irmãos, se reconhecerem alguns desses traços em suas próprias vidas, pois o Altíssimo, como fez com Francisco, está pronto para acolhê-los em suas mãos e transformá-los em *novas criaturas.*[a] Por outro lado, reconhecer a sua própria realidade pessoal é a condição necessária para que o Oleiro faça o seu melhor trabalho consigo.

[FF 1782; a. *cf*. Ap 21,5]

47. *Gonzilio* é um irmão de família abastada e gostos refinados. Frequentemente fala de lugares que visitou e pessoas famosas que conheceu. Visita com frequência seus amigos de infância e aceita convi-

tes para shoppings e outros locais prestigiosos. Dá grande importância à sua aparência física e dedica vários dias por semana à prática de seu esporte favorito. Segue uma dieta rigorosa, diferente das refeições típicas preparadas no mosteiro. É afável e muito detalhista, porém tem dificuldade em manter uma conversa com os outros irmãos e não tolera ser questionado. Os irmãos quase não o veem durante o dia, e sua participação nas atividades da fraternidade é bastante limitada. Nas reuniões locais, ele intervém para pedir o que precisa e, enquanto os outros discutem assuntos comuns, ele checa seu celular e responde a mensagens. Os irmãos se sentem desconfortáveis com seu estilo de vida, mas não ousam questioná-lo porque conhecem suas reações evasivas e, às vezes, agressivas. Não se pode contar com sua participação nas atividades da fraternidade, a menos que sejam de seu interesse. O oratório da fraternidade é o lugar que ele menos frequenta.

48. O caso do Irmão *Rocogno* gerou muita preocupação, especialmente entre seus superiores. Pouco se sabe sobre sua família e história pessoal, pois ele costuma ser reservado e tende a ser retraído. Tudo sobre ele é um mistério. Ele tem grande perspicácia para os negócios e sabe como administrar projetos sociais, o que explica por que conhece muitas pessoas com quem discute negócios e investimentos. Ocasionalmente, ele usa um veículo que não pertence à circunscrição e, quando questionado sobre isso, geralmente alega que pertence a um amigo que o emprestou para um assunto pessoal. Pessoas que frequentam a capela do convento dizem que o Irmão *Rocogno* possui vários apartamentos e alguns negócios muito lucrativos; no entanto, nenhum dos irmãos, nem mesmo os superiores, abordou esse assunto diretamente, talvez porque as habilidades administrativas do Irmão *Rocogno* tenham beneficiado a própria circunscrição e, em particular, algumas famílias dos irmãos. Ele não é transparente com a administração do dinheiro e, quando o guardião lhe pede para prestar contas de suas atividades, ele oferece informações confusas que não correspondem aos registros contábeis. Os irmãos desconfiam de *Rocogno* e não o veem como um verdadeiro religioso, mas sim como um oportunista. Aparentemente, ele tem problemas com a bebida, mas ninguém fala abertamente sobre isso. Às vezes, participa de orações litúrgicas e raramente está presente no refeitório, sob o pretexto de estar resolvendo algum assunto.

49. *Luxius*, como sugere a etimologia de seu nome, parece ter uma grande necessidade de brilhar. Possui notáveis habilidades sociais e é encantador com a família e os amigos, mas menos com os irmãos. Todos se referem ao Irmão *Luxius* como um modelo de pároco e pastor, pois sabe como administrar projetos comunitários e lidera diversos grupos paroquiais. Ele é, segundo alguns na paróquia, um verdadeiro senhor com quem todos devem concordar, já que tudo é feito à sua maneira e quando ele quer. Quando alguém discorda dele, reage com raiva e tende a se distanciar das pessoas, deixando de falar com elas por vários dias, esperando que os ofensores reconheçam seu erro e peçam desculpas. Ele usa a homilia para desabafar e lançar insultos velados aos ouvintes. Não organiza as atividades paroquiais com os irmãos da fraternidade, nem presta contas das finanças. Frequentemente se ausenta das atividades planejadas pelos irmãos, alegando já estar comprometido com alguma outra atividade ou grupo paroquial. Todas as segundas-feiras ele dorme até mais tarde e passa o dia fora do mosteiro, sem que o guardião saiba onde ele está ou com quem está. *Luxius* é um bom administrador paroquial e não se imagina fazendo outra coisa senão ser padre. Alguns irmãos já lhe questionaram se seu estilo de vida é compatível com a nossa identidade carismática, ao que ele geralmente responde com um gesto de indiferença.

50. *Enaltus* foi ministro provincial e serviu como guardião diversas vezes. Os irmãos se lembram dele por ser autoritário e, em alguns casos, por impor sua própria vontade. Ele tende a ter reações explosivas quando contrariado e às vezes pode ser rude. Parece convencido de que foi predestinado a ser superior e escolhido para comandar os outros, por isso se dirige aos irmãos como se fossem seus subordinados. Critica duramente os ministros provinciais que o sucederam e reclama de sua má administração. Frequentemente faz comentários depreciativos sobre quase todos os irmãos que conhece, porque, segundo ele, ninguém faz as coisas direito — isto é, da maneira como ele as faz. Ele não percebe que, ao depreciar os outros, está depreciando a si mesmo. Frequentemente assume a postura de um chefe ou mestre e, em algumas ocasiões, gritou com os irmãos e os colaboradores da fraternidade. Os irmãos

o evitam, temendo que ele os deprecie ou os trate como subordinados. Nas assembleias locais, ele fala com veemência e exige que todas as decisões sejam aprovadas por ele, de modo que os irmãos acabam fazendo o que ele quer. Os irmãos observam que *Enaltus* nunca deixou de ser um ministro provincial, pois se comporta como tal em quase tudo o que diz e faz. Ninguém quer ser seu guardião, e os provinciais o evitam a todo custo, pois ele está sempre reclamando e os criticando por não fazerem o que ele acha que deveria ser feito na circunscrição. Ele geralmente está sozinho, pois quase ninguém se aproxima dele.

51. *Marcizo* é um verdadeiro mistério. De manhã, cumprimenta todos os irmãos efusivamente, mas ao meio-dia, não lhes dirige a palavra. Ninguém sabe quando se aproximar dele, pois sua reação costuma ser inesperada. Às vezes, responde amavelmente, outras vezes cala-se e, ocasionalmente, levanta a voz e grita, como se tivesse sido gravemente ofendido. Resmunga sobre os irmãos e zomba deles, às vezes sutilmente, outras vezes abertamente. Algumas de suas reações deixam todos perplexos, sem saber o que pensar ou como agir. Reclama frequentemente de tudo e nada parece agradá-lo. Quando participa das reuniões da fraternidade, propõe soluções para todos os problemas; contudo, o guardião não pode contar com ele para implementá-las. É muito ocupado com seus estudos, palestras e outras atividades online, e é reconhecido, virtualmente, por sua capacidade de sistematizar informações e por um certo rigor acadêmico. Preocupa-se muito com a saúde e muda constantemente sua dieta, alegando que seu corpo requer cuidados especiais. Os membros da fraternidade tendem a tratá-lo com muita delicadeza, para que nenhuma palavra ou gesto provoque suas reações desproporcionais habituais. Eles também afirmam que *Marcizo* não se suporta e parece não ter controle sobre suas emoções. Suspeitam que ele esteja envolvido em algum tipo de relacionamento amoroso, pois frequentemente o ouvem ao celular e ele desaparece da vida da fraternidade sem aviso prévio. É difícil estabelecer uma relação de confiança com ele.

52. Em todos esses casos fictícios, construídos a partir de fragmentos da realidade, encontramos personalidades *normais* — isto é, modos cotidianos de ser, reagir, relacionar-se com os outros e agir em diferentes dimensões de nossas vidas. Apesar da normalidade dessas personalidades, o leitor reconhecerá que elas são problemáticas e dificultam a vivência de nossa identidade carismática. Em última análise, são personalidades que não foram permeadas pelo carisma e não passaram por uma transformação significativa em seus respectivos programas de formação inicial e contínua. Uma personalidade que não foi imbuída do carisma constitui, da nossa perspectiva, um problema real dentro da Ordem, um problema que não foi suficientemente trazido à luz e permanece silenciado por ser considerado uma questão estritamente pessoal na qual ninguém, nem mesmo os superiores mais elevados, pode intervir. Essa suposta *intocabilidade* da personalidade, além disso, equivaleria a ignorar um problema real e a recusar a busca de soluções viáveis.

53. O fato de um irmão, e a personalidade correspondente, não terem sido imbuídos do carisma pode ser explicado por diversos fatores. *Em primeiro lugar*, a identificação do carisma com informações sobre o carisma, o que leva à crença de que compreender o significado de minoria, por exemplo, é equivalente a ser menor de idade. Muitos irmãos, de fato, sabem definir o que é minoria; no entanto, nem sempre vivemos como menores. *Em segundo lugar*, as estratégias deficientes de formação para incorporar as características do nosso carisma. A formação inicial, em geral, tem enfatizado a execução de atividades e o cumprimento de horários mais do que o processo de incorporação das características do nosso modo de vida. Observe nossa ênfase na palavra *incorporação*. Com essa palavra, queremos enfatizar o processo de colocar no corpo — isto é, imbuir os ossos, músculos, órgãos, rosto e tudo o que somos — com as qualidades próprias do nosso carisma. Não precisamos de irmãos que saibam falar sobre fraternidade, queremos irmãos em quem o significado da palavra fraternidade esteja incorporado.

54. A ausência de uma vida espiritual profunda, isto é, a fragilidade na oração pessoal e fraterna, constituiria o *terceiro* fator que explicaria a permanência de personalidades que não foram impregnadas pelo carisma. O carisma, como dito anteriormente, é um dom divino através do qual apreendemos as qualidades divinas e prolongamos a ação salvadora de Deus na história. Isto não seria possível sem uma relação pessoal profunda e íntima com o Altíssimo,

como evidenciado na vida de Francisco. A ausência desse relacionamento pessoal com Deus dificulta o processo de apreensão de seu modo de ser e de incorporação de suas qualidades divinas em nossas vidas, dando espaço ao predomínio de nossa personalidade. Por outras palavras, a ausência de Deus que transforma permanentemente a nossa realidade pessoal deixaria um espaço vazio que favorece a consolidação da nossa personalidade, como teria acontecido com Francisco se não estivesse disposto a deixar-se transformar pelo Altíssimo. E, por fim, há a influência de irmãos caracterizados por uma personalidade dominante. Esses irmãos, e seus estilos de vida, muitas vezes se tornam modelos para os mais jovens e exemplos que muitos em formação aspiram a imitar. A influência desses irmãos, além disso, explicaria um argumento frequentemente usado por irmãos em formação quando são chamados ou incentivados a viver de acordo com nossa identidade carismática: Se Fulano ou Sicrano faz isso e ninguém diz nada, por que eu não posso?. Essas personalidades dominantes têm um impacto negativo no processo inicial de formação e oferecem um testemunho contrário à nossa vida evangélica e carismática.

55. Uma personalidade sem Deus, impermeável à sua ação misericordiosa, centrada em si mesma, não só se tornaria uma ameaça interna à experiência da nossa identidade carismática, mas também se tornaria um verdadeiro inimigo, nas palavras do Pobre, que destrói a fraternidade e vive em permanente oposição a Deus. Embora Francisco utilize em seus escritos tanto o substantivo *pessoa*,[a] como o pronome pessoal *eu*,[b] Ele também usa outros termos de origem bíblica para se referir à condição pecaminosa da humanidade e, claro, à fragilidade de nossos irmãos. Ele afirma isso na Admoestação X:

[a. FF 78; 137; 160: b. FF 116; 119; 131; 263/1; 206; 231]

[...] Muitos, quando pecam ou são injustiçados, costumam culpar o inimigo ou o próximo. Mas não é esse o caso, pois cada pessoa tem seu próprio inimigo — isto é, seu próprio corpo — em seu poder, por meio do qual peca. Portanto, bem-aventurado é o servo (Mt 24,46) que sempre mantém esse inimigo cativo e se guarda sabiamente dele; pois enquanto ele fizer isso, nenhum outro inimigo, visível ou invisível, poderá lhe fazer mal.

[FF 159]

56. A palavra *corpo*, usada por Francisco nesta exortação, tem uma relação direta com o substantivo grego σάρξ (sarx) que, na teologia paulina não se referiria ao organismo humano, mas à condição humana decaída e à sua tendência a viver longe de Deus.[23] O termo *personalidade*, que não aparece nos escritos do santo, poderia estar relacionado ao significado da palavra *corpo*, visto que qualquer personalidade não permeada por Deus tenderia a reafirmar sua centralidade, impor sua própria vontade e colocar-se em posição de soberania sobre os outros. A s*ubmissão do corpo* recomendada por Francisco em sua admoestação seria equivalente à *transformação da personalidade*, que, como já foi explicado, implica a disposição da pessoa em entrar em uma relação íntima com Deus e ser transformada por Ele. Personalidade poderia, portanto, ser considerada uma forma contemporânea de se referir à mesma realidade significada por São Francisco com o termo *corpo* e por São Paulo com a palavra *carne*.

57. As ricas nuances inerentes à palavra personalidade abrangem o significado teológico e antropológico do termo *corpo*, tal como usado por Francisco, incorporando também outras dimensões que constituem a complexa realidade da humanidade. É importante notar que a personalidade é moldada por diversas dimensões: *física*, *emocional*, *cognitiva*, *comportamental* e a *transcendente*. Manifesta-se em diferentes contextos relacionais, isto é, na *relação consigo mesmo, com os outros*, *com a criação e com o mistério divino*, como explicado nas páginas anteriores e exemplificado nas descrições de alguns tipos de personalidade. Esses argumentos levam-nos a crer que a palavra personalidade, neste momento histórico e cultural atual, adquire um significado mais amplo do que a palavra *corpo*. Consequentemente, seguindo Francisco, pode ser considerada não apenas como uma ameaça interna à experiência

23 [...] Sarx (gr. σάρξ) geralmente é traduzido como «carne» nas versões em espanhol da Bíblia. Literalmente, designa o corpo físico (Jo 1:14: o Verbo se fez carne). No pensamento de Paulo, adquire um significado teológico mais profundo: representa a condição humana decaída, oposta ao Espírito (Gal 5:16-17). Não denigre o corpo em si, mas aponta para a tendência dos seres humanos, sem a graça, de viverem separados de Deus. Fitzmyer, *Diccionario bíblico,* p. 1023. Cf. Balz, *Diccionario*, V. II, 1364-1365. [...] À luz do exposto, pode-se afirmar, portanto, que o significado predominante de «corpo» nos textos citados e em outros semelhantes gira em torno da ideia de concupiscência, entendida como a convicção de autossuficiência que leva o homem a se marginalizar da vontade de Deus para seguir seus próprios desejos; refere-se ao próprio eu, ao egoísmo, ao orgulho. Uribe, F. y Molina, B. *El canto del hombre pobre. Lectura y actualización de las admoniciones de san Francisco de Asís* (Madrid: Escuela Superior de Estudios Franciscanos, 2017), p. 122.

da nossa identidade carismática, mas como um verdadeiro *inimigo*, nas palavras do santo, que cada um de nós é chamado a subjugar.

58. A sujeição do corpo, ou a transformação da personalidade, requer não só, como já foi dito, uma relação íntima com o Altíssimo e uma boa disposição da pessoa para se relacionar com Deus, mas também a capacidade, a coragem e a humildade para reconhecer a própria personalidade e os seus efeitos na vivência do nosso carisma. Neste ponto, encontramos um obstáculo, isto é, uma dificuldade difícil de superar, uma vez que muitos irmãos parecem ter muita dificuldade em reconhecer e admitir que a sua própria personalidade representa uma ameaça real à vivência fiel do nosso carisma. Esta dificuldade de autoconhecimento, de reconhecer as características da própria personalidade e de admitir que esta pode afetar a vivência do nosso carisma, é simbolizada nos Evangelhos pela imagem do *cego*.[24] Embora a cegueira bíblica possa significar o estado de escuridão em que as pessoas se encontram sem a revelação divina, ela também abrange a mente fechada e a incapacidade de compreensão daqueles que não conseguem enxergar a realidade ao seu redor, e a sua própria realidade pessoal, através dos olhos de Deus. E, repitamos mais uma vez, ninguém pode abrir os olhos sem entrar em um relacionamento pessoal profundo com *Aquele que é a luz*.

[cf. 1Jn 1,5]

59. Essa cegueira não significaria apenas ignorância de si mesmo ou falta de consciência da própria personalidade e suas consequências para a vivência do carisma, mas também ajudaria a explicar a existência generalizada de estilos de vida autorreferenciais dentro da Ordem. Por *estilo de vida autorreferencial*, entendemos um modo de vida baseado e estruturado em torno de critérios próprios, necessidades e gostos pessoais, projetos individuais — sejam acadêmicos ou profissionais —, a busca por conforto e uma vida boa, e um forte compromisso com o que é estritamente pessoal, tudo isso à parte da vida fraterna ou, o que é ainda mais doloroso, o uso da fraternidade para alcançar aspirações e desejos individuais. Além disso, não é difícil estabelecer uma clara correlação entre *personalidade e estilos de vida autorreferenciais*. Onde houver uma personalidade não imbuída do carisma, haverá necessariamente um estilo de vida autorreferencial.

60. Além disso, esses *estilos de vida autorreferenciais* são um sinal dos nossos tempos, uma vez que se adaptam perfeitamente à cultura do hiperindividualismo.[25] Esta constatação revela que muitos de nossos irmãos na Ordem estão mais alinhados com os critérios culturais do hipermodernismo do que com os critérios evangélicos e carismáticos que moldam nosso modo de vida. Isso enfraquece significativamente o poder profético do nosso carisma e nos torna testemunhas qualificadas não do Evangelho e da espiritualidade franciscana, mas da cultura predominante. Precisamos nos lembrar da oração de Jesus: *Porque vós não sois do mundo, assim como eu não sou do mundo,* para crer novamente em seu significado, retornar às fontes de nossa identidade carismática e ousar moldar nossas vidas de acordo com os critérios evangélicos e carismáticos pelos quais professamos viver. Caso contrário, essa ameaça interna representada por estilos de vida autorreferenciais poderá se alastrar — para usar uma imagem cancerosa — e se espalhar por todos os cantos da Ordem, deteriorando-a e comprometendo sua vitalidade.

[cf. Jo 17,14]

61. A preparação e a celebração do V Centenário da nossa Reforma Capuchinha oferecem uma opor-

24 [...] A cura do cego de nascença (Jo 9) é muito mais do que um milagre de compaixão: é um sinal (símbolo) da missão de Jesus como "a luz do mundo". A cegueira representa o estado da humanidade sem revelação; a visão restaurada, a fé. A trajetória do cego — da escuridão à confissão de Jesus como "Profeta", depois como "homem de Deus" e, finalmente, como "Senhor" — ilustra o caminho da fé. Em contraste, os fariseus, que afirmam "ver", permanecem cegos por causa de seu orgulho e mente fechada. Ecole Biblique et Archéologique Française de Jérusalem. *La Biblia de Jerusalén*, 6.ª Ed (Madrid: Ediciones Paulinas, 2001), p. 1835. Cf. Brown, Raymond E. *El Evangelio según Juan I–XII* (Barcelona: Editorial Claret; 1995), p. 370.

25 [...] Duas tendências contraditórias se destacam. Por um lado, e numa medida sem precedentes, os indivíduos preocupam-se com o seu corpo, são obcecados pela higiene e pela saúde e submetem-se às prescrições médicas e de saúde. Por outro lado, proliferam patologias individuais, consumo excessivo e comportamentos anárquicos. O hipercapitalismo surge acompanhado de um hiperindividualismo acentuado, legislador de si mesmo, ora prudente e calculista, ora desordenado, desequilibrado e caótico. No universo funcional da técnica, os comportamentos disfuncionais aumentam. O hiperindividualismo coincide não só com a internalização do modelo *homo oeconomicus* que persegue a maximização dos seus interesses particulares em quase todas as esferas da vida (escola, sexualidade, procriação, religião, política, sindicalismo), mas também com a desestruturação das antigas formas de regulação social do comportamento, com uma maré crescente de patologias, distúrbios e excessos comportamentais. Lipovetsky, G. y Charles, S. *Los tiempos hipermodernos* (Barcelona: Editorial Anagrama, 2008), p. 58.

tunidade propícia para recordar os aspectos fundamentais da nossa identidade carismática e para nos esforçarmos por encarnar a beleza do nosso carisma. É também uma oportunidade para testemunhar ao mundo a relevância, a fecundidade e a vitalidade da nossa espiritualidade franciscana e capuchinha, *vivendo no mundo, mas não sendo do mundo*. Esperamos que estas reflexões sejam uma verdadeira provocação e estimulem, na maioria dos frades, uma reflexão autocrítica sobre o tema proposto. Acima de tudo, esperamos que cada frade possa refletir, serenamente e na presença do Altíssimo, sobre a sua própria personalidade, os estilos de vida autorreferenciais que construiu e, naturalmente, sobre os efeitos que tudo isto tem na vivência do nosso carisma.

Conclusão

62. Em cada reunião do Conselho Geral, são abordadas situações complexas, problemáticas e conflituosas. Isso é compreensível, visto que nossa Ordem é composta por seres humanos frágeis e falíveis, enraizados na terra e ansiando pelo céu, o que explica a ambiguidade de nossa condição humana. Não nos escandalizamos nem nos desanimamos com a presença dessas situações em nossa fraternidade universal; contudo, questionamos a persistência de algumas situações complicadas, especialmente quando estão ligadas a indivíduos específicos. Isso nos levou a perguntar qual poderia ser o problema subjacente e como encontrar soluções práticas e viáveis. A resposta a essas preocupações resultou neste recurso que você leu e sobre o qual refletiu.

63. Em cada discussão do Conselho Geral, surgiu uma ideia germinal: a de que a personalidade de cada irmão estava implicada em uma situação de conflito. Não há conflito sem pessoas, afirmava-se, e cada conflito é exacerbado pelas personalidades dos irmãos envolvidos. Ficou claro para nós que a questão da personalidade precisava ser explorada e analisada para melhor compreendermos todas as situações que enfrentávamos. Também se compreendeu que a correlação entre *personalidade e conflito* representava uma séria ameaça à vivência do nosso modo de vida. Portanto, começamos a refletir sobre a relação entre personalidade e carisma, o que, em última análise, deu nome a essas considerações.

64. Poderíamos resumir tudo o que foi dito, afirmando que a personalidade se torna uma ameaça interna à experiência do carisma, ou, como disse São Francisco, torna-se *inimiga* da fraternidade, quando não é permeada pela presença de Deus, nem se deixa transformar por Ele. Personalidade é uma forma de se referir à complexa realidade humana constituída por diversas dimensões que, *histórica e biograficamente*, moldam um modo específico de ser, reagir, relacionar-se e agir que identifica a pessoa, que vive e interage em diferentes contextos relacionais que reforçam esse processo de formação. Carisma, por sua vez, refere-se a *qualidades pessoais* apreendidas na relação íntima com o Altíssimo, pois, mais do que indicar um dom específico, refere-se ao dom que Deus faz de si mesmo para se conectar com a pessoa, enriquecê-la com a sua presença e prepará-la para continuar a Sua ação salvífica ao longo da história. A relação íntima com Deus permite à pessoa apreender as Suas qualidades divinas (carismas) e continuar, ao longo do tempo, o seu modo de se relacionar com toda a criação. Uma personalidade sem carisma, portanto, torna-se egolatria, a base de estilos de vida autorreferenciais.

65. Sabíamos que a reflexão sobre esses temas poderia gerar diversas reações entre os irmãos; contudo, sentimos a necessidade de correr o risco de tornar visível essa ameaça silenciosa, raramente discutida por ser dada como certa ou por evitarmos falar dela devido ao desconforto que representa. Recorremos, como não poderíamos fazer de outra forma, à trajetória biográfica de São Francisco de Assis, confiando em seu testemunho pessoal para termos certeza de que uma transformação da pessoa, e portanto da personalidade, é possível, assim como aconteceu com ele, desde que se estabeleça uma relação autêntica e íntima com o Altíssimo.

66. Hesitamos um pouco em apresentar alguns casos específicos para exemplificar o que queríamos explicar, temendo que alguns irmãos se sentissem evidenciados. Uma inspiração do Espírito ajudou-nos a encontrar o caminho certo para o fazer, recorrendo à imagem do irmão perfeito proposta por São Francisco no Espelho da Perfeição. Construiríamos um perfil de personalidade fictício baseado em histórias particulares e autênticas, para que nenhum irmão se sentisse exposto e, ao mesmo tempo, ofereceríamos uma descrição ampla na qual cada ir-

mão pudesse ver refletidas algumas características de sua própria personalidade. Com esta estratégia pedagógica tornaríamos visível o problema subjacente e cuidaríamos da privacidade dos irmãos que, na verdade, são uma fonte de conflito com base nos seus traços de personalidade.

67. Além disso, desejávamos que essas considerações não fossem abstratas nem meramente especulativas, pois tais reflexões tendem a deixar os irmãos indiferentes, levando-os a esquecer facilmente o tema proposto. Decidimos desenvolver uma reflexão provocativa, que tocasse em pontos sensíveis e até mesmo gerasse desconforto e aversão. Às vezes, precisamos ser sacudidos para reagir e despertar de um sono profundo. A questão da personalidade e seu impacto na experiência do nosso carisma é frequentemente um tema esquecido, dado como certo, e que só precisa ser considerado se seus efeitos se tornarem perceptíveis, como no caso dos transtornos de personalidade, que, sejamos claros, estão presentes em nossa Ordem.

68. Esperamos que estas reflexões tenham lançado alguma luz sobre a sua personalidade e, sobretudo, que o tenham inspirado a iniciar, ou a continuar, um genuíno processo de transformação pessoal. Lembre-se, este processo depende não só de si, da sua própria força ou do psicoterapeuta que consulta, mas também de uma relação pessoal verdadeira e íntima com o Altíssimo, tal como houve com o nosso santo Fundador. Confiamos-lhe as nossas orações e pedimos ao Senhor, pela intercessão da Imaculada Conceição, de São Francisco de Assis e de todos os santos e beatos da nossa família capuchinha, que o acolha em suas mãos e o transforme numa nova criação.

Referências bibliográficas

1. Allport, Gordon W. *Personality: A Psychological Interpretation* (New York: Henry Holt and Company, 1937).
2. American Psychiatric Association. *Manual diagnóstico y estadístico de los trastornos mentales*, 5.ª Ed (Madrid: Editorial Médica Panamericana, 2013).
3. Biblia de Jerusalén (Madrid: Ediciones Paulinas, 2001).
4. Bover, José María y Sicre, José Luís. *Diccionario de las Sagradas Escrituras* (Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 1956).
5. Brown, Raymond E. *El Evangelio según Juan I–XII* (Barcelona: Editorial Claret; 1995).
6. Burgos, Juan Manuel. *Reconstruir la persona. Ensayos personalistas* (Madrid: Ediciones Palabra, 2009).
7. Capra, Fritjof. *La tejedura de la vida: Una nueva comprensión científica de los sistemas vivos.* Traducción de Antonio Manuel Ortiz (Barcelona: Editorial Anagrama, 1996).
8. Capra, Fritjof. *La Trama de la vida. Una nueva perspectiva de los sistemas vivos* (Barcelona: Editorial Anagrama, 2006).
9. Cervone, Daniel y Pervin, Lawrence A. *Personality: Theory and Research* (Hoboken: NJ, 2022).
10. Corominas, Joan y Pascual, José A. *Diccionario crítico etimológico castellano e hispánico*, Tomo IV (Madrid: Editorial Gredos, 1980–1991).
11. Ecole Biblique et Archéologique Française de Jérusalem. *La Biblia de Jerusalén*, 6.ª Ed (Madrid: Ediciones Paulinas, 2001).
12. Fitzmyer, Joseph A. (2006). *Diccionario bíblico*, 6.ª Ed (Madrid: Ediciones Paulinas, 2006).
13. Fonti Francescane. Nuova Edizione (Pavova: Editrice Francescane, 2004).
14. Horst, Balz y Gerhard, Schneider. *Diccionario exegético del Nuevo Testamento,* V. I (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1998).
15. Lipovetsky, Gilles. y Charles, Sébastien. *Los tiempos hipermodernos* (Barcelona: Editorial Anagrama, 2008).
16. Locke, John. *An Essay Concerning Human Understanding*. Editado por P. H. Nidditch. Obra original publicada en 1689 (Oxford: Clarendon Press, 1975).
17. Talarn, Antoni, Sáez, Francesc y Roca, Anna. *Relaciones, vivencias y psicopatología. Las bases relacionales del sufrimiento mental excesivo* (Barcelona: Herder Editorial, 2013).
18. Tertuliano. *Contra Práxeas* (Adversus Praxean). En J. Pouilloux, A. de Halleux, y J. C. Fredouille (Eds.). Tertullien: Oeuvres complètes (París: Éditions du Cerf. Colección Sources chrétiennes, n.º 198, 1972).
19. Torres Queiruga, Andrés. *Revelación y salvación. Ensayo de síntesis teológica* (Salamanca: Ediciones Sígueme, 1984).
20. Uribe, Fernando y Molina, Bernardo. *El canto del hombre pobre. Lectura y actualización de las admoniciones de san Francisco de Asís* (Madrid: Escuela Superior de Estudios Franciscanos, 2017).